



Revista Comunicação Midiática

ISSN: 2236-8000

v. 12, n. 3, p. 6-8, maio/ago. 2017

Apresentação

Em pouco mais de uma década, a *Revista Comunicação Midiática* tornou-se um periódico em nosso campo científico preocupado em promover alta reflexão e produtivo debate, sob distintas perspectivas, sobre o fenômeno da comunicação midiática, acolhendo variadas investigações, de diferentes metodologias, de pesquisadores de variadas regiões do Brasil e do exterior. Durante esses anos de intensa produção recebida pelos nossos editores, nosso periódico testemunhou um desenvolvimento sem precedentes da ciência nacional, em específico, um salto da própria área de Comunicação, de tal sorte que, hoje, há programas muito bem estabelecidos e pesquisadores e estudantes que produzem ciência em todas as partes do Brasil.

Diante de dificuldades de todas as ordens, o ano de 2017 foi singular aos atores dessa vida científica nacional. É bem possível que, num breve futuro, 2017 seja lembrado, entre outras coisas, por um período de defesa e de luta por direitos conquistados por pesquisadores brasileiros; e por ser um momento agudo de debate sobre a universidade coletiva, participativa e central no desenvolvimento do país que desejamos – um espaço, enfim, que possa continuar a fomentar reflexões fundamentais para sociedade e os seus indivíduos. Nesse horizonte colocado nesse momento histórico e de crise nacional, as revistas científicas possuem um papel de destaque. Seus espaços constituem as formas mais significativas de difundirmos, com propriedade e escrupulosamente, uma produção social, coletiva e estratégica para o nosso campo científico, tornando-se a base fundamental para o que queremos enquanto ciência e suas formas de difusão.

Como parte desse processo – em que, de certo modo, todos os periódicos de programas de pós-graduação em comunicação, de entidades científicas e de grupos de pesquisa estão, intimamente, ligados –, a *Revista Comunicação Midiática*, consciente de seu papel e de sua responsabilidade social, oferta a toda nossa comunidade seu terceiro número de 2017, com uma seleção criteriosa de artigos de sua edição.

Em “Jornalismo e dispositivos de vigilância: o uso de câmeras na disputa pela autenticidade”, de autoria de Maura Martins, o enfoque é sobre as mudanças advindas do jornalismo diante de dispositivos que registram o real. Uma das premissas trabalhadas pela autora é a de que o jornalismo convive com um novo patamar das fronteiras entre o públi-

co e o privado e isso estaria diretamente ligado às formas de produção audiovisual difundidas na sociedade.

O trabalho de Mônica Rebecca Ferrari Nunes e Marco Antonio Bin, “Espaço urbano e teatralidades nas cenas medievalista, vitoriana e steampunk”, resultante da pesquisa “Comunicação, consumo e memória: da cena cosplay a outras teatralidades juvenis” (CNPq/PPGCOM-ESPM), examina “os modos de ocupação da cidade pela teatralidade experimentada por jovens que representam tempos passados”, em estudo baseado em perspectivas teóricas ligadas à etnografia urbana, antropologia urbana e estudos sobre comunicação.

Em “O jornalismo além do lead: rotinas produtivas, anuências e condições para uma prática diferenciada”, Francisco de Assis analisa, por um estudo empírico realizado com jornalistas brasileiros, um campo de produção jornalística das narrativas de grande experimento linguístico, reconhecidamente, entre outros termos, como “jornalismo narrativo” ou “jornalismo literário”.

A autora Fernanda Carrera, em a “Expansão do self, congruência, verificação: outros caminhos teórico-metodológicos para a compreensão do papel da marca e da publicidade na produção identitária do consumidor”, apresenta em seu artigo as perspectivas teórico-metodológicas sobre o sujeito contemporâneo, entendido também pela construção identitária do eu que envolve a compra e as formas de consumo e de fruição publicitária.

No artigo “Protocolos de leitura do livro aplicativo e a questão do leitor modelo”, Tatiana Aneas e Carina Flexor avaliam as transformações trazidas pelas novas formas de materialidade do objeto livro, em especial o livro aplicativo. Nessa discussão, duas dimensões teóricas tornaram-se fundamentais para as autoras: as discussões em torno do futuro da escrita promovidas por Flusser e os debates sobre os protocolos de leitura de Chartier.

A seguir, Susana Madeira Dobal Jordan e Ana Carolina Roure Malta de Sá, no artigo “Direção de fotografia, Impressionismo e Barroco em Lavoura Arcaica”, analisam o filme de Luís Fernando Carvalho, *Lavoura Arcaica*, uma adaptação do romance homônimo de Raduan Nassar. As autoras relacionam a direção de fotografia de Walter Carvalho a duas formas estéticas presentes na história das artes visuais: o Impressionismo e o Barroco.

Em “A arte da não ficção nos relatos jornalísticos: as reportagens de Christian Carvalho Cruz”, a autora Monica Martinez examina, como já indica o título, a obra do jornalista brasileiro Christian Carvalho Cruz. Em um estudo que, entre outros métodos, utilizou a técnica de entrevista aprofundada, a autora sugere aproximações do jornalista a um dos grandes nomes do jornalismo literário, Joseph Mitchell.

No artigo “‘Game of Spoilers’: disputas no consumo da ficção seriada televisiva”, Mayka Castellano, Melina Meimaridis e Marcelo Alves dos Santos investigam a repercussão ocorrida no Twitter dos *spoilers* de um dos episódios da série *Game of Thrones*. O artigo ainda procura confrontar, em termos analíticos, os pontos de vista de dois tipos de consumidores da série, os que conhecem a história por meio dos livros de onde a série foi adaptada e os que conhecem o universo narrativo apenas pelo contato direto com a narrativa audiovisual.

Jorge Kanehide Ijuim, em “Jornalismo e contra-hegemonia: o trabalho de tradução da luta por moradia”, realiza uma análise de uma forma jornalística dita contra-hegemônica. Para tanto, analisa material empírico original de entrevistas que pautavam a luta por moradia na cidade de Florianópolis. O autor lança mão de uma profícua hipótese: é possível fazer um tipo de jornalismo que traduza experiências sociais de contraposição aos modelos

hegemônicos advindos do capitalismo global, porém a natureza desse jornalismo deve ser, essencialmente, contra-hegemônico. Só assim será capaz de criticar com substância o processo produtivo, a fase atual do capitalismo e o próprio jornalismo hegemônico.

Fecha a seção de artigos da revista o texto “Os nomes da Operação Lava Jato: aproximações e apropriações do entretenimento no campo político”, de Anita Gonçalves Hoffmann e Luís Mauro Sá Martino. Os autores examinam um campo fronteiro entre o entretenimento e a política. Seu objeto de análise é a Operação Lava Jato, propondo verificar como a lógica de ambiente midiático foi incorporada a essa forma de investigação policial.

Completa a edição a resenha de Claudimiro Lino de Araújo sobre o livro *Um peso, duas medidas: desvelando a comunicação pública na sociedade midiaticizada*, de autoria de Tiago Mainieri.

Mais uma vez, os editores agradecem os colaboradores da *Revista Comunicação Midiática*, desde os nossos pareceristas até os discentes colaboradores do nosso PPGCOM-UNESP. Todos trabalharam, intensamente, na revista, numa mostra de verdadeiro espírito coletivo, para que a revista pudesse sair dentro dos prazos.

Tenham uma proveitosa leitura!

Editores